

A theologia crucis de Lutero e o tema da teologia da libertação*

Martin N. Dreher

1. Introdução

A 9 de novembro de 1545 Bartolomé de las Casas dirigiu carta ao príncipe Felipe de Espanha. Nela anuncia que em breve voltará à Espanha e faz uma notável observação a respeito dos cristãos luteranos. Las Casas afirma que as heresias do luteranismo não seriam tão terríveis quanto o que estava sendo feito contra os indígenas na América. "Pois as heresias deles não desprezam nossa imaculada e firme fé, nem deixam eles de adorar nosso Deus, o Cristo crucificado."¹ Desconheço o fato de las Casas ainda haver feito outras observações a respeito dos cristãos luteranos. Certamente não o terá feito. Mais importante, porém, é que desde a distância latino-americana tenha caracterizado a intenção central da Reforma luterana: o Deus crucificado. Em sua proximidade latino-americana caracterizou com isso também a intenção central de toda a autêntica teologia latino-americana: o Deus crucificado que se identifica com sua epifania crucificada.

Las Casas não chegou a ser atendido em suas pretensões. Lutero, que a princípio recrutou seus adeptos justamente por causa da teologia da cruz — basta que se pense no Debate de Heidelberg de 1518² — viu-

* O presente texto foi preparado para o contexto europeu. Procurei tornar plausível para meus interlocutores a origem de nossos anseios na América Latina e também mostrar como estamos lendo Lutero. Tenho perguntas em relação a muitos textos das teologias da libertação, em nosso contexto, mas não era essa a hora de levantar tais perguntas.

- 1 — Cf. FRIEDE Juan. **Bartolomé de Las Casas**, precursor del anticolonialismo. Su lucha y su derrota. México, Siglo XXI, 1974, p. 171s, citado segundo PRIEN, Hans-Jürgen. Die Geschichte des Christentums in Lateinamerika. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht 1978, p. 175.
- 2 — Cf. DREHER, Martin N. Introdução ao escrito "O debate de Heidelberg". In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Os primórdios. Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo e Porto Alegre, Sinodal e Concórdia, 1987, p. 35-37.

se confinado na história do luteranismo a uma doutrina da justificação, que perdeu a intenção central da **theologia crucis** de Lutero. Essa tendência, que se inicia com Felipe Melanchthon, mantém-se ininterrupta apesar do estudo fundamental de Walther von Loewenich³ e poderia ter sido há muito revertida, bastando que se pense nas tentativas de Johann Georg Hamann (1730-1788) e de Sören Kierkegaard (1813-1855). Também não quero negar que Werner Elert e Paul Althaus abordem em suas obras a **theologia crucis**, mas devo lembrar que essa temática não chegou a ter preponderância, apesar das admoestações de Ernst Käsemann e das investidas de Ernst Wolff. Creio que essa situação torna compreensível o fato de a recepção de Bonhoeffer ser hoje mais acentuada na América Latina do que em sua pátria, a Alemanha. O que está por trás desse desenvolvimento não é intenção desse estudo, e deveria ser feito por teólogo competente do 1º mundo.

O que pretendemos é evidenciar porque e como a intenção de Lutero adquire importância na América Latina. Creio que a partir da redescoberta do Deus crucificado poder-se-ia chegar a uma renovação do luteranismo. O mesmo poderia ser dito a respeito da redescoberta em solo latino-americano do sacerdócio geral de todos os crentes, formulado por Lutero.

2. A **theologia crucis** de Lutero

Lutero assumiu a **theologia crucis** de Paulo. O apóstolo dos gentios obtivera a partir da cruz de Jesus uma compreensão totalmente nova a respeito de Deus. Conhecimento de Deus e palavra da cruz estão intimamente relacionados na visão de Paulo. Esse fato é em si uma loucura, mas — assim ele o reconhece — Deus só pode dar a reconhecer sua sabedoria na loucura. De fato, a revelação de Deus se encontra sob uma lei. Essa lei tem o seguinte enunciado: **Deus se revela na abscondidade**. Sua sabedoria se apresenta como loucura, seu poder se aperfeiçoa no esvaziamento, sua vida se mostra poderosa na morte do filho. A revelação de Deus provoca uma conversão de todos os valores. É por isso que ele elege justamente aquilo que é humilde e sem valor no mundo. Comunhão com Cristo só pode ter, pois, quem reconhecer em sua morte na cruz a revelação de Deus, quem participar de sua morte. A cruz é a lei sob a qual se encontram a revelação de Deus bem como a vida do cristão

3 — **Luthers Theologia Crucis**. Witten, Luther, 5ª ed. 1967.

e da Igreja. Vida cristã e vida de igreja só existem sob a forma da cruz, caso contrário não são vida no discipulado de Jesus.

Lutero traduziu essa descoberta de Paulo, no século XVI, para seus contemporâneos, fazendo dela a chave hermenêutica de sua teologia. Partindo de Paulo, Lutero defende no Debate de Heidelberg, em 1518, a tese de que Deus não quer ser reconhecido em suas **invisibilia** (coisas invisíveis), mas em suas **visibilia** (coisas visíveis). Para ele teologia é teologia de revelação ou não é teologia. Porque Deus falou, por isso podemos falar a respeito de Deus. Porque Deus se mostrou, por isso sabemos para onde devemos olhar. Três anos mais tarde, ao interpretar o cântico de Maria, em 1521, Lutero escreverá que Deus “só dirige seus olhos para as profundezas e não para as alturas” e que “quanto mais abaixo dele alguém estiver, tanto melhor ele o verá” (WA 7,547).

Para Lutero a revelação divina é revelação indireta. Qual Moisés só vemos a Deus de trás; no entanto, ouvimos e vemos o que Deus ouve e vê. Lembro apenas da passagem de Êx 3.7: “Vi a miséria do meu povo no Egito, e ouvi o seu clamor por causa de seus opressores; reconheci seus sofrimentos.”

Reconhecemos a Deus “**per passiones et crucem**” (pela paixão e pela cruz, ou: pelo sofrimento e pela cruz), i. é, Deus só pode ser encontrado na cruz e no sofrimento (WA 1,362,28s). Lutero pensa aqui, inicialmente, nos sofrimentos de Cristo e em sua cruz, depois, porém, também nos sofrimentos e na cruz do cristão. Ambos estão relacionados. A cruz de Cristo não é qualquer cruz, mas é a cruz de Deus neste nosso mundo. Nessa cruz se evidencia como se encontram as coisas entre Deus e mundo. Aqui tudo gira em torno de realidade. Por isso, todo o relacionamento com Deus tem que ter em conta o fato da realidade desmascarada através da cruz de Cristo. Quando reconheço, por graça, essa verdade, que na cruz se encontram encerradas a minha salvação e a salvação do mundo, aí tenho que assumir a cruz com todo o meu ser. Só pode reconhecer a Deus **per passiones et crucem** quem se encontra em cruz e sofrimento. Para as considerações que pretendemos fazer a respeito da Teologia da Libertação tal afirmação há de ter conseqüências, como ainda veremos.

Lutero afirma que Deus quer ser reconhecido em suas **visibilia**. O que, no entanto, são essas “**visibilia Dei**”? Segundo Lutero trata-se de “**humanitas**” (humanidade), “**infirmas**” (debilidade) e “**stultitia**” (tolice). Por que? Porque Deus só quer ser reconhecido na abscondidade, “**in humilitate et ignominia crucis**” (na humildade e na ignomínia da cruz) (WA 1,362,12s). Deus se ocultou sob sofrimentos e cruz, para se revelar dessa maneira. Caso se queira ver o rosto de Deus, tem que se olhar para o **Christus crucifixus**. Nele Deus se revelou na abscondidade. Essa última

frase tem que permanecer em sua dialética, pois na fé se evidencia que em, com e sob o crucificado se pode encontrar a Deus: "**Vivimus in abscondito Dei, id est, in nuda fiducia misericordiae eius**" (Vivemos na abscondidade de Deus, isto é, na confiança nua e crua em sua misericórdia) (WA 1,357,3).

Com esse tipo de Teologia, que vê a Deus "na humildade e na ignomínia da cruz", crente, o sofrimento está inseparavelmente ligado. Justificação por obras não conhece sofrimento, pois o deus da justificação por obras é incapaz de sofrer. Os sofrimentos são para o cristão, qua teólogo da cruz, o mais precioso dos tesouros. Ele não olha para cima, mas para ali, onde há **humanitas, infirmitas e stultitia**; ele orienta seu amor para aquilo que é humilde e insignificante.

Enquanto os seres humanos vivem em segurança não têm antenas para essa pregação estulta. Ela apresenta uma inversão de todos os valores. O velho Adão tem que se chocar com ela: "**Evangelium enim destruit ea quae sunt, confundit fortia, confundit sapientia et redigit eos in nihilum, in infirmitatem, in stultitiam, quia docet humilitatem et crucem.**" (É que o Evangelho destrói as coisas que são, envergonha as fortes, envergonha a sabedoria e as reduz ao nada, à fraqueza, à tolice, porque ensina humildade e cruz.) (WA 1,617,7ss).

O velho Adão também não pode compreender a Escritura, pois é somente a partir da cruz de Cristo que a Escritura pode ser entendida. É, por isso, que em Lutero a doutrina correta é designada de **sapientia crucis** (WA 5,372,30s).

Importa que perguntemos, assim como Lutero o fez a seu tempo frente à Teologia escolástica, se não "**evacuata est theologia crucis**" (está esvaziada a teologia da cruz) (WA 1,613) em muitas das teologias contemporâneas.

Como se deve compreender o Deus que se revelou na cruz de Cristo?

2.1. O deus absconditus

Lutero apresenta a **theologia gloriae** (teologia da glória) como oposto da teologia da cruz. O que se deve entender sob esse conceito? Usando terminologia moderna deveríamos falar de especulação religiosa. Por que? Porque a cruz simplesmente não pode ser enquadrada em estruturas do pensamento humano. Na cruz, a princípio, nada se pode ver de Deus. No máximo a cruz nos pode dizer: Deus está oculto. No máximo ela nos leva a perguntar: "Onde estás, Deus?!" Para expressá-lo

com a passagem de Isaías, mencionada por Lutero: "**Vere absconditus tu es Deus**" (Is 45.15).

Mesmo estando oculto, Deus quer ser reconhecido. Como é que ele pode se revelar, de modo que seja reconhecido pelo ser humano? Deus escolhe o caminho da cruz. Mas como é, quando Deus se revela? O que podemos ver, então? "**Ignominia, inopia, mors et omnia, quae in Christo nobis passo monstrantur.**" (Ignomínia, pobreza, morte e todas as coisas que são mostradas no Cristo que por nós sofreu) (WA 5,108, 1ss). O que podemos ver são "coisas não divinas", quando Deus se revela. E se elas querem testemunhar a respeito de Deus, é porque Deus tomou o caminho do ocultamento. A fé, então, descobre que Deus optou pelo caminho da paixão. Na paixão Deus é, afinal, **humanitas, infirmitas, stultitia**. Essas são as características, nas quais se reconhece Deus. Também na palavra e no sacramento só conseguimos reconhecer a Deus, quando expressam **humanitas, infirmitas** e a **stultitia** de Deus. Deus é reconhecido na **deformitas** (deformidade) (WA 1,353,21). É necessário que nos seja concedida **sapientia crucis** (sabedoria da cruz), para que o possamos reconhecer **sub contraria specie** (sob a espécie contrária). O **deus sub contraria specie** é o **deus incarnatus**, não é especulação, mas Deus nesse nosso mundo. O pleno poder de Deus se expressa no **deus crucifixus**.

Deus só pode ser reconhecido na paixão. É por isso que as obras, nas quais reconhecemos **o que** ele faz, têm caráter de paixão. Elas são **opera deformia** (obras disformes) (WA 1,353,21). Também o seu poder se revela na fraqueza, seu auxílio fica oculto aos seres humanos, de maneira que pensam terem sido abandonados por Deus, justamente quando ele mais próximo deles se encontra. Esse Deus tem um caráter completamente antiespeculativo.

É por isso que Lutero pode chegar ao ponto de afirmar: "**nihil magis nihil esse videtur, quam Deus ipse.**" (Nada parece ser mais nada do que o próprio Deus). E tira a consequência: "**haec igitur est scientia sanctorum et mysterium absconditum a sapientibus et revelatum parvulis.**" (essa é, pois, a sabedoria dos santos e mistério abscondido para os sábios e revelado aos pequeninos) (WA 43,392).

2.2. O Deus oculto e a fé

A revelação não pode ser simplesmente lida na história ou dela deduzida. O pecado determina o mundo, no qual acontece a história. A santidade de Deus, porém, conflitua com esse pecado. Onde Deus se en-

contra com esse mundo acontece uma conversão dos valores subsistentes no mundo. O que significa, então, crer em Deus nesse mundo? Não seria a fé também uma negação de todas as concepções humanas acerca de Deus?

É conhecida a polêmica de Lutero contra Aristóteles. Não são motivos de ordem antiintelectual que o movem a se voltar contra Aristóteles, o corruptor do cristianismo. Lutero se opõe a uma Teologia, na qual o principal veio a se tornar aspecto secundário e vice versa. A Teologia se ocupou de tal maneira com a Filosofia que a revelação veio a se lhe tornar questão secundária. Ela não fala mais da cruz de Cristo, pois esta lhe é motivo de escândalo. É por isso que ele convoca seus contemporâneos a voltarem as costas à Filosofia, voltando-se para o crucificado. Adeus à **theologia gloriae**! Pois a filosofia eclesiástica corrompe o ser humano, motiva-o a fugir da cruz de Cristo e anima-o a ser autosuficiente (WA 5,107). Caso se quiser Filosofia esta deve ser **philosophia sacra** (cf. WA 56,371ss). Mestre da *philosophia sacra* é o apóstolo Paulo, pois oferece conversão da Filosofia ensinada nos dias de Lutero. Para ele o verdadeiro ser das coisas está em seu **telos**. A **philosophia sacra** tem que ser totalmente escatológica. Somente uma tal Filosofia corresponde à Teologia. Por que? A Filosofia não leva em conta a "ardente expectativa da criatura" (Rm 8.19), não podendo abranger a verdadeira realidade. Além do mais não tem ouvidos para os gemidos, não ouve os suspiros da natureza, e nem o pode, pois desconhece qualquer necessidade de redenção. Ela é cega ante à realidade. É por isso que a cruz se transforma em juízo para todas as fantasmagorias e obras do ser humano. Tão-somente quando o ser humano ousa o caminho da insensatez é que ele segue o caminho da cruz. A cruz desmascara a falsidade da autoglorificação filosófica do ser humano. Tão-somente a **sapientia crucis** é que reconhece as profundezas das misérias humanas.

Na cruz toda a projeção humana de Deus fracassa. **CruX probat omnia**! (A cruz põe a prova todas as coisas), i.é, a cruz é juízo sobre as invencionices e obras do ser humano; põe de pernas para o ar as teses humanas. A insensatez se transforma em sensatez. Quando no discipulado de Cristo, o crucificado, mergulhamos na insensatez, seguimos o caminho da cruz. Seria isso antiintelectualismo? Não. O intelecto permanece, mas deve ser reconhecido como obra humana. Por isso, seguir o caminho da cruz significa desistir da glorificação do ser humano e mergulhar na insensatez. Trata-se de saber que a razão é uma "coisa perigosa" (gefährlich Ding) (WA 9,187,5ss), pois não está em condições de ver o mundo e sua realidade a partir da cruz.

A **theologia crucis** revela o conflito que existe no mundo e evidencia que, em última análise, o ser humano sempre quer seguir à promessa da serpente: **Eritis sicut Deus!** (sereis como Deus!). É por isso que para o teólogo da cruz vale: **theologus crucis dicit id, quod res est** (o teólogo da cruz diz as coisas como elas são). Na cruz de Cristo, o esvaziamento de Deus chegou a seu ponto culminante. Por isso o povo de Deus e o teólogo não podem agir de outra forma do que desistir da tentativa/tentação proposta no “**eritis sicut Deus**” e dizer não a “uma sabedoria e piedade fora de Cristo” (eyne weyszheit und frumkeit auszerhalb Christo) (WA 2,113,26). Quando a pregação de uma Igreja luterana não é mais uma pedra de tropeço no seio do povo cristão e da sociedade, o evangelho foi traído (WA 2,601,25). O evangelho é uma pedra de tropeço, um escândalo. A **virtus evangelii** (a virtude do evangelho), porém, reside no escândalo (WA 31,II,300,90ss). Na cruz, teólogo e comunidade descobrem que não existe para ambos outro caminho do que viver **in nuda fiducia misericordiae eius** (i.é, **dei**) (WA 1,357,3).

2.3. Discipulado sob a cruz

Seria a **theologia crucis** uma teoria elaborada na escrivadinha e, por isso, alienada? Não é assim que — por estar orientada escatologicamente — é incapaz de chegar a uma formulação ética? Em minha opinião não é essa a situação. Quer me parecer que a teologia da cruz é antes ciência prática. Enquanto a teologia da glória deixa o ser humano em uma posição contemplativa, a teologia da cruz arranca-o dessa posição e lança-o na decisão da fé. Em sua discussão com Erasmo, Lutero dirá que o Espírito Santo não é cético; ele não permite que o crente permaneça em posição contemplativa, mas leva-o à decisão de fé. Somente podemos compreender a **theologia crucis** em uma vida sob a cruz. A cruz de Cristo não pode ser pensada sem a cruz do cristão. Somente no sofrimento é que se pode compreender a cruz de Cristo. A cruz de Cristo que for compreendida fora do sofrimento, é produto da **theologia gloriae**, elaborada a partir da perspectiva do espectador; a cruz, no entanto, não pode ser elaborada. O cristão sabe a esse respeito, pois lhe foi anunciado que Deus só pode ser descoberto e encontrado no sofrimento e na cruz. Caso quisermos levar a sério a **theologia crucis**, caso quisermos levar a sério o conceito de Deus e o conceito de fé nela contidos, seguir-se-á, necessariamente, uma vida sob a cruz.

O fato de a teologia da cruz ser no mais profundo de seu ser uma teologia prática podemos observar na vida do próprio Lutero. Justamente por causa da teologia da cruz sua vida é vida face à morte.

A vida do cristão é para Lutero vida abscondita. A glória da vida cristã se apresenta na humilhação, sua alegria no sofrimento, sua esperança no desespero, sua vida na morte. A abscondidade da vida cristã não é formal, mas prática, por ser discipulado sob sofrimento. Esse discipulado é concreto. Mas, qual o significado dessa afirmação?

Quem segue a Cristo Jesus, se lhe torna igual em tudo. Assume sua ignomínia e vive em humildade porque Cristo, aqui neste nosso mundo, viveu na humilhação. Com ele toda a grandeza humana é rejeitada. No discipulado se experimenta abandono, fraqueza e desespero. Dessa fraqueza e humilhação o cristão pode se gloriar.

Ser cristão significa, pois, encontrar-se no discipulado do sofrimento. É, no entanto, necessário que se acentue que esses sofrimentos na vida do cristão são obras do Espírito Santo (WA 5,639,20s) e não sofrimentos auto-impostos.

Qual, porém, o significado de tais sofrimentos no discipulado? O sofrimento, certamente, também é castigo por causa do pecado. Na Teologia da cruz, porém, o sofrimento tem a finalidade de desenvolver a fé e de dar-lhe forças. Sofrimento e fé estão intimamente ligados. No sofrimento Deus vem a nosso encontro. É por isso que Lutero também pode falar do sofrimento como de um meio de santificação, através do qual o ser humano é santificado para o serviço de Deus (WA 6,248,16ss).

Por que isso é assim? Porque "os olhos (de Deus) só olham para as profundezas e não para as alturas". "Pois como ele é o Supremo e nada há acima dele, ele não pode olhar acima de si, também não pode olhar para os lados, pois ninguém lhe é igual, necessariamente tem que olhar para dentro de si e para abaixo de si, e quanto mais fundo alguém estiver abaixo dele, tanto melhor ele o verá." "Onde, porém, se experimenta, como é tal Deus, que olha para as profundezas e somente auxilia aos pobres, desprezados, miseráveis, desditosos, abandonados e àqueles que nada são, aí ele se torna tão amável, aí o coração transborda de alegria, salta e pula de grande prazer, por ter sido gerado em Deus. E aí está o Espírito Santo, que ensinou tal arte e alegria superabundante em um instante na experiência. É por isso que Deus colocou sobre nós a morte e deu a cruz de Cristo com incontáveis sofrimentos e necessidades a seus filhos mais amados e cristãos, sim, por vezes, também os deixou cair em pecado, para que muito tivesse que olhar para as profundezas, a muitos quer auxiliar, muito agir, evidenciando-se como um verdadeiro criador e confessando querer ser conhecido, amável e louvável, no que infelizmente, o mundo com seus olhos abrangentes sem cessar lhe resiste e o impede de ver, agir, auxiliar, ser visto, amado e louvado, e além disso

toma a sua própria alegria, gozo e bem-aventurança. Por isso ele lançou também o seu próprio e mais amado filho Cristo nas profundezas de toda a miséria, evidenciando nele exemplarmente sua maneira de ver, sua obra, auxílio, maneira de ser, conselho e vontade, e para onde isso tudo se dirige.” (WA 7,547s). Graça e purificação são o sentido do sofrimento cristão.

A vida do cristão é discipulado no sofrimento, porque no centro da vida de Cristo se encontra a cruz. Isso significa, pois, que o discipulado do sofrimento cristão se orienta em um acontecimento concreto. Sofrimento não é boa obra na vida do cristão, mas conseqüência de um acontecimento que se encontra no centro da história: a cruz de Cristo. Discipulado de sofrimento **não** é, pois ascese. Ele é resultado da encarnação de Deus nesse nosso mundo. Discipulado de sofrimento é conseqüência da revelação de Deus na história, na cruz. Justamente como conseqüência dessa cruz na história, discipulado de sofrimento é eminentemente questão teológica. Carregar a cruz não é nada de “especial”, mas sinal da ligação do cristão com Cristo e sinal da ligação de Cristo com o cristão.

Usando de outras palavras, Lutero pode falar da vida do cristão, segundo a teologia da cruz, como de um “**concrucifigi Christo**” (ser crucificado com Cristo) (WA 1,338,12ss). No entanto, é bom que se o diga, ele não entende essa formulação como estando apenas relacionada com a santificação. O significado, o sentido do sofrimento de Cristo, o cristão só pode experimentar no sofrimento, na ação que leva ao sofrimento e no experimentar esse sofrimento: “O sofrimento de Cristo não deve ser feito de palavras e aparência, mas de vida e na verdade.” (WA 2,141,37s). Isso não elimina a crucificação da carne, da qual fala Gl 5.24, mas “**hae sunt verae mortificationes, quae non fiunt in desertis locis, extra societatem hominum, sed in ipsa oeconomia et politia**” (estas são as verdadeiras mortificações, que não são feitas em lugares desertos, fora da sociedade dos homens, mas na própria economia e na política) (WA 43, 214,3ss)! No mundo, o cristão que se encontra no discipulado do sofrimento, encontra-se sob a cruz. Ele não precisa procurá-la. Isso tem como conseqüência o fato de provocar a inimizade do mundo. Essa inimizade do mundo é, então, sinal para a autenticidade do discipulado (WA 1,414,1ss), pois sendo escândalo o Evangelho, a palavra da cruz, provoca luta.

Aqui seria necessário falar-se, agora, da **conformitas Christi**, do conformar-se com Cristo, que quer afirmar que os cristãos assumem com Cristo a forma de servos (WA 56,171,16ss), experimentando a cruz em suas vidas. Como a cruz não é algo do passado, a **conformitas** é uma

graça para o cristão. Esse aspecto será abordado em outra oportunidade. Apontamos, porém, para três características da vida sob a cruz, no pensamento de Lutero.

Lutero fala das três características como sendo **humilitas**, **tentatio** e **oratio**. Se observarmos a **humilitas**, constataremos que ela é a virtude principal da vida sob a cruz. É por isso que Lutero também pode dizer: "**humilitas sola salvat**" (somente a humilitas salva) (WA 4,473,17). Como é que Lutero traduz a expressão? Ele o traduz com nulidade, baixaza, opressão (WA 5.656,24ss). Com tal tradução evita que o conceito possa vir a ter uma interpretação sinergista.

Por outro lado, os limites da **humilitas** estão postos, em Lutero, no amor ao próximo. Há situações em que o sofrimento de injustiça é violação do compromisso com o amor (WA 5,233,33ss).

A passagem, na qual Lutero se ocupou de maneira mais intensiva com o conceito **humilitas**, é o Magnificat. Ao interpretar o **respexit humilitatem** (Lc 1.48), Lutero defende a tese de que **humilitas** não pode ser traduzido com humildade (Demut): "Humilitas nada mais é que um ser ou categoria desprezada, insignificante, baixa, como os seres humanos pobres, doentes, famintos, sedentos, prisioneiros, sofredores e moribundos" (WA 7,556,16ss). "Como se haveria de imputar tal atrevimento e soberba a essa virgem pura, sincera, no sentido de que ela se gloriasse de sua humildade ante Deus, a qual é a mais alta das virtudes e quando ninguém se considera ou gloria de ser humilde, a não ser quando é o mais orgulhoso de todos. O único que reconhece a humildade é Deus, é ele também o único que a julga e revela, de modo que o ser humano nunca sabe tanto a respeito da humildade do que quando é verdadeiramente humilde." (WA 7, 560,7ss). A nulidade, porém, não deve ser vista como mérito diante de Deus. Não é a nulidade que deve ser honrada, mas somente a graça de Deus (WA 7,561,16 ss).

A **tentatio** (tentação) somente é possível no discipulado de sofrimento, pois o escândalo faz parte da cruz. A vida piedosa não é uma vida que repouse em si mesma. Onde o escândalo da cruz é eliminado, aí não estamos mais confrontados com uma vida na fé. Quando falta a tentação a vida cristã não é até às últimas conseqüências vida de fé. Consciência piedosa não substitui o combate da fé. A pior tentação é não ter tentação. Teologia da cruz é teologia da tentação (WA 43,472,13ss).

Será que ainda podemos ousar apresentar-nos diante de Deus com preces, quando o caminho a ser seguido pelo cristão é o caminho da cruz? É essa a pergunta que está em jogo, quando se fala da **oratio** (ora-

ção) na teologia da cruz. É importante que se observe que para Lutero a validade da oração não depende de nossa dignidade, também não de nossa indignidade. Sua validade vem de um mandamento divino e de uma promessa de Deus (WA 43,84,1ss). Não é a intensidade de nossa oração que o faz (WA 2,127,36ss). Na oração Deus se torna **deus absconditus** para o que ora, a fim de que, na oração, a fé chegue do **deus absconditus** ao **deus revelatus** (WA 44,192,27ss). Na oração o crente vive da certeza da **fé** e da **certeza** da fé.

3. O tema da teologia da libertação

Princípio com uma tese: A teologia da cruz de Lutero e a teologia da libertação não devem ser vistas como produto de considerações teóricas, mas são teologia prática. Ambas preocupam-se com uma cristologia a partir de baixo, porque Deus desceu radicalmente para baixo, e com as implicações dessa cristologia.

3.1. Reconhecer a Deus per passiones et crucem

O Cristo sofredor e crucificado tem posição central na vida do povo sofredor latino-americano, na vida dos pobres. Creio poder afirmar que nas comunidades eclesiais de base se desenvolve algo como uma **meditatio crucis**. O crucificado, o Senhor e Salvador, é considerado presente no sofrimento e na vida dos pobres. Como sofredores reconhecem a Deus presente na cruz e no sofrimento. Isso nem sempre foi assim, como o podemos constatar nas duas imagens mais encontradas no contexto latino-americano, quando se fala de Cristo⁴. Observemos as duas imagens e, após, a temática da teologia da cruz na teologia da libertação.

3.1.1. O Cristo vencido

As imagens de Cristo não podem ser compreendidas na América Latina sem a colonização e sem os detentores do poder na península ibérica. Ser colonizador e ser cristão estão intimamente relacionados; são o mesmo. O Estado espanhol ou português traz Cristo; bandeira e cruz estão ligadas. Todo o que vem para a América, entende-se como um Christophorus, Cristóvão, portador de Cristo. Em nome de Cristo se conquista,

4 — Cf. BONINO, José M. **Jesus - ni vencido ni monarca celestial**. Buenos Aires, 1977. MARASCHIN, Jaci C. (ed.) *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* São Paulo, ASTE, 1974.

se assassina, se batiza. Tudo numa puxada. Não é, pois, por acaso que Cristo é apresentado como o vencido, como servo sofredor de Deus. A sexta-feira-santa transforma-se no auge do calendário religioso. As encenações da paixão atraem a população. O "Senhor Morto" determina a piedade. Mais importante que a festa da ressurreição parece ser a surra que se dá em Judas no sábado-de-aleluia. Central permanece o Senhor esfolado e torturado da sexta-feira-santa. Ele se identifica com o povo, o povo se identifica com o Senhor torturado. O crucificado é imagem de um povo sofredor: ele é índio e escravo, sem-terra, bóia-fria. A resignação se apodera do povo. A agonia de Cristo se transforma na agonia do povo. Na agonia do povo se encontra a agonia de Cristo. A identificação negativa é a vencedora. No Cristo, a mulher, o índio e o trabalhador rural descobrem a si próprios. É o destino, ao qual o próprio Filho de Deus não conseguiu escapar. Se o próprio Deus sucumbiu ante o destino, por que haveríamos de murmurar? O Senhor Morto sacraliza a história determinada pela conquista e por exploração secular. Ele justifica seu próprio sofrimento, justifica sua própria situação, sua morte ante o Deus que quer a vida. Na Umbanda esse Cristo passa, então, a ser o que é: um ídolo entre outros. O sofrimento é celebrado.

3.1.2. O monarca celestial

Fatal e de enorme influência é a outra imagem de Cristo: Cristo o monarca celestial. Ele é portador dos símbolos dos reis de Espanha e Portugal. Quão facilmente ambos podem ser confundidos: O rei se torna Cristo, Cristo se torna rei. Com as insígnias reais, Cristo legitima os atos dos detentores do poder político. Fidelidade a Cristo transforma-se em fidelidade ao rei. Fidelidade ao rei é fidelidade a Cristo. Cristo transforma-se em ministro de propaganda do rei. Na missa, o crente latino-americano é confrontado sempre de novo com as origens de sua dependência. Com meios espirituais ensina-se-lhe a dependência política. A submissão aos exploradores é compreendida como dádiva divina. Mas também esse Cristo em nada ajuda. Ele é pior que o primeiro, pois nem ao menos é capaz de sofrer. O índio, então, prefere proferir suas orações ante o Senhor Morto do que ante o monarca celestial.

"Jesus Cristo, o escravizador" seria um título apropriado para a cristologia que emerge dessas duas imagens de Cristo. Aqui Deus não se torna realmente carne, ele toma o partido do poder político, ao qual a gente não se pode opor. Os cristãos silenciam. O Senhor Morto e o monarca celestial silenciam entre os sofrimentos da humanidade. Nada dizem a respeito da concentração de terra nas mãos de uns poucos:

Em 1970	11% dos mais ricos detinham (no Brasil)	44,3% do solo
	50% dos mais pobres	22,49% do solo
Em 1980	11% dos mais ricos	82,3% do solo
	50% dos mais pobres	14,9% do solo

Nada dizem a respeito da distribuição da renda:

Em 1960	70% dos mais pobres (no Brasil) detinham	21,2% da renda
	16% dos mais ricos	79,8% da renda
Em 1980	70% dos mais pobres	15,4% da renda
	16% dos mais ricos	84,6% da renda ⁵

Eles silenciam ante às conseqüências:

- 10 milhões de crianças vivem nas ruas e não sabem quem é seu pai ou sua mãe.
- A cada hora morrem 45 crianças (1.080 ao dia; mais de 400.000 ao ano).
- 11 milhões de pessoas estão desempregadas.
- O salário mínimo alcança a soma de DM 74,00 (marcos alemães) (situação em 31/10/1987) mensais, quando deveria valer, no mínimo, DM 444,00.
- 30% da população (há quem fale em 40%) é analfabeta.
- Nos últimos 10 anos 15 milhões de trabalhadores rurais migraram para as cidades. Em 1960 70% da população ainda residia no campo; em 1980 teve que se constatar exatamente o contrário: 70% da população vive nas cidades, principalmente em cinturões de miséria.

3.1.3. A cristologia do crucificado

A América Latina está aprendendo a se afastar do Cristo masoquista e repressor. Ela não se livra da cruz, mas desse Cristo. Pois a cruz de Cristo não é sinal da impotência, mas sinal do poder daquele que abdicou de seu poder para se tornar poderoso justamente nos impotentes. A cruz é sinal da miséria e justamente por isso clamor contra a miséria. O Jesus terreno, o Cristo bíblico declara-se contra a projeção alienante.

Qual a causa dessa mudança? Num momento histórico em que a América Latina toma consciência de sua existência cultural, em que experimenta sua dependência consciente e dolorosamente, e descobre que seu povo sofre uma injustiça histórica, a Igreja passa a perceber sua missão profética. A situação do povo permite que a Igreja descubra as-

5 — Sei que esses dados estão continuamente sendo alterados e que são muitos os critérios usados para levantá-los. Tomei os dados de **A Enchente do Uruguai**, IV, 1987, Nº 18, p.4.

pectos da fé, da Escritura e da doutrina cristã, que há muito haviam caído em esquecimento. Não é, pois, nada de basicamente novo que é descoberto. Simplesmente está acontecendo uma conversão da Igreja ao Evangelho, a partir do sofrimento do povo. Ponto de partida dessa teologia não é o que teólogos disseram, mas o que a realidade nos mostra. A realidade, porém, nos mostra uma situação de dependência política, erótica e pedagógica.

A partir de Deus, descobre-se que Deus se esvaziou justamente para dentro dessa situação, na qual existe dependência política, erótica e pedagógica. Sua encarnação ocorre nessa dependência. Ele elege justamente o que é sem valor e baixo no mundo. Ele escolhe um lugar sócio-histórico bem determinado, para dentro do qual é nascido. Não porque ame a dependência e a exploração, mas porque ama aquele que está entregue à dependência e à exploração. O lugar para dentro do qual Deus se esvazia diz algo a respeito de seu amor especial: ele ama o pobre, o oprimido, a mulher, a criança — não, porém, a pobreza, a opressão. Bem-aventurado é o pobre, mas não a pobreza. Deus se solidariza com o que é — não, porém, com o que provoca a situação.

O lugar, para dentro do qual Deus nasceu e no qual sua cruz foi erigida e no qual ressuscitou como crucificado, é em baixo (Fp 2.6-7). Cristo assume o lugar dos oprimidos como oprimido. Ele se torna Ebed, isto é, ele assume as condições sócio-políticas, culturais e econômicas dos despojados. Ele se assemelha ao índio, ao africano, ao asiata, à mulher violentada, à criança. Cristo deixa-se prender pelo pecado, pelo sistema, sem no entanto praticá-los. Deus se converte aos pobres. Suas **visibilia**, nas quais pode ser reconhecido, é categoria, que ele próprio nos deu para reconhecê-lo: “Porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; sendo forasteiro não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso não fostes verme. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso, e não te assistimos?” (Mt 25. 42-45).

No sofrimento do povo reconhecemos, em nossa América Latina, o sofrimento de Deus com sua criação. No clamor do povo ouvimos o clamor de Deus. Aprendemos, novamente, a reconhecer a Deus no sofrimento e na cruz. A cruz de Deus revela nossa realidade; nossa realidade, por seu turno, deixa-nos reconhecer, o que é que há com a cruz de Deus. Aqui se evidencia o que Paulo e Lutero quiseram dizer, ao afirmarem que só pode reconhecer a Deus **per passiones et crucem** quem estiver ele próprio em cruz e sofrimento.

Qual é o rosto de Deus? Como falamos dele no continente latino-americano? Deus se assemelha com aquilo que ele nos mostra a respeito dele mesmo: o Cristo crucificado. E, nele vemos **humanitas, infirmitas, stultitia**. Caso quisermos ver a Deus, temos que olhar para onde há **humanitas, infirmitas e stultitia** (Mt 25).

Essa imagem de Deus torna impossível toda a especulação religiosa. A revelação de Deus na cruz de Cristo é anti-especulativa. A revelação de Deus permite que vejamos coisas não divinas, porque na cruz acontece algo não divino, ateu: **ignominia, inopia, mors**.

Porque podemos ler isso na cruz de Cristo, porque aqui acontece a revolução de todos os valores, nada podemos além de ler na cruz a negação de todas as concepções humanas a respeito de Deus. A cruz desvenda toda a profundidade das necessidades humanas na América Latina. A cruz abre os ouvidos para o gemido, para o suspiro em busca de redenção (Rm 8). A cruz transforma-se em juízo por sobre uma falsa glória humana, que vive da exploração e da opressão. Ela chama da insensatez para a sensatez. Ela se transforma em chamado para a liberdade. Ela se transforma em chamado para que se seja assim como Deus é, isto é, seguir o caminho do sofrimento para possibilitar vida. O caminho da liberdade só pode ser trilhado como caminho sob a cruz. Com isso se evidencia que o caminho da serpente (Sereis como Deus!) não é o caminho de Deus.

É por isso que a teologia da libertação é escandalosa. Ela tem a coragem de ouvir e praticar a unilateralidade de Deus. Seus teólogos são homens e mulheres sofredores e sofridos do povo latino-americano, os quais vêem confrontada sua experiência de baixaza com a baixaza de Deus. Suas descobertas teológicas falam de "também política", "também a terra", "especialmente o pobre". Seus exegetas são analfabetos, que em sua "agraciada" situação de opressão experimentam, vivenciam e interpretam a proximidade da palavra de Deus, mostrando, com isso, que a interpretação da palavra não é apenas assunto da teologia acadêmica; que o texto bíblico surgiu a partir das experiências do povo. A partir da unilateralidade de Deus descobrem que o Filho de Deus sucumbiu ante os interesses da classe dominante e que sua cruz é um clamor contra a existência de dominantes e dominados. — Também a redação da teologia da libertação é escandalosa. Os livros são escritos na 'barriada', na favela, com pouco estofamento científico em moldes norte-atlânticos.

Assim, a teologia da libertação transforma-se em ciência prática, como a teologia da cruz. Ambas não deixam o ser humano em postura contemplativa, mas impelem-no para a decisão da fé. Por isso a teologia

da libertação é como a teologia da cruz, vida sob a cruz. Não se pode entender sua pretensão sem um mínimo de compaixão com o povo sofrido de nosso continente. É somente aqui que a cruz de Cristo pode ser entendida. A cruz de Cristo que quer ser entendida fora da compaixão, a partir da perspectiva de um camarote, é cruz projetada. Não se pode ser teólogo comprometido com libertação na torre-de-marfim.

Por isso, o lugar em que se pratica teologia da libertação é a comunidade, que vive face à morte. Ela é pouco vistosa, feiosa, assemelha-se à cruz. Muitas vezes ela é denominada de comunidade eclesial de base. Ela está disposta a assumir a ignomínia de Cristo no discipulado do sofrimento. Aqui se vivencia abandono, fraqueza e desespero, mas se vive a partir da esperança pascal. A palavra páscoa, usada no espanhol e no português da América Latina tem sua origem no "pessah" hebraico. Pessah significa saída. Páscoa é a saída da morte para a vida. A vontade de Deus não é a morte, mas a vida. No discipulado de sofrimento se sabe, porém, que o caminho para a vida passa pela morte. O ressuscitado é o crucificado. A partir dessa perspectiva, o sofrimento do povo, como sofrimento no discipulado do crucificado, passa a ter novo significado. Sofrimento não é ascese. O verdadeiro sofrimento cristão não acontece no deserto, fora da sociedade, mas na economia e na política. O caminho para a liberdade, do qual se fala na teologia da libertação, é longo. Provoca a inimizade do mundo. Esse mundo também pode ser encontrado no seio da própria Igreja. Por isso, algumas exteriorizações do Cardeal Ratzinger, p. ex., não deveriam assustar nem causar pasmo.

O caminho da teologia da libertação como vida sob a cruz é uma vida na opressão (*humilitas*), na tentação, sob constante oração. Nela a ação ética vive a partir da justificação por graça e fé, que possibilita a superação de egoísmo e de falta de amor. A ação libertadora dos cristãos procede da certeza do perdão de Deus e da orientação do Espírito Santo, que possibilita nova orientação, e que nos ensina a olhar para o que é de Deus e não para o que é dos homens (Mt 6.33). Somente aqueles que receberam o amor do Evangelho, têm a coragem de lutar pela liberdade. Estão capacitados para o amor. O amor, a diaconia, é, pois o motor da teologia da libertação.

Creio que os anseios de Lutero em sua teologia da cruz são os mesmos que os da teologia da libertação. Creio também que a teologia luterana encontra-se diante da necessidade de redescobrir parte importante de suas raízes.